

## O Mal no Pensamento Africano

JOHN MBITI\*

**RESUMO:** *Muitas sociedades africanas dizem que Deus só faz o que é bom e não criou o mal. Cada sociedade tem costumes, tradições, comportamentos e relações interpessoais estabelecidos que mantêm a boa ordem na comunidade. Contudo, as relações intensas também criam animosidades e as pessoas tentam fazer-lhes frente através da feitiçaria, bruxaria e magia. Os indivíduos usam os poderes "escondidos" ou "secretos" para fazer mal aos vizinhos e colegas, ou aos seus bens e actividades. Nalgumas sociedades, as pessoas pensam que os espíritos são a origem e/ou os agentes do mal. Contudo, os espíritos das pessoas falecidas são ainda parte das suas famílias humanas, e de muitos modos actuam como guardiães do bem-estar familiar. É sobretudo nas relações humanas que as pessoas identificam o que é mau, tentam evitá-lo, e lidam com ele através do castigo, tabus, proibições, leis e força de vontade humana. A administração da justiça é confiada aos mais velhos, tanto homens como mulheres e governantes tradicionais. Outra forma de combater o mal é encorajar o que é bom, tal como a amizade, respeito (para com as pessoas e a natureza), hospitalidade, harmonia, paz, justiça, atenção mútua ou ajuda e outros valores que são ensinados nas famílias e nas comunidades.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *África; Akamba; Barundi; Bavenda; Bruxaria; Castigo; Deus (religiões africanas); Feitiçaria; Gikuyu; Herero; Idowu; Ila; Magia; Mal; Mal moral; Mal natural; Maldição; Natureza do mal; Nuer; Origem do mal; Personalidade corporativa; Yoruba.*

**ABSTRACT:** *Many African societies say that God does only what is good and did not create evil. Each society has established customs, traditions, behaviour and interpersonal relations that uphold good order in the community. However, the intense relationships also creates tensions and people try to cope with them through witchcraft, sorcery and magic. Fellow persons use the "hidden" or "secret" powers to do evil to the neighbors and colleagues, or their property and activities. In some societies, people think that spirits are the origin and / or agents of evil. However, family spirits of the departed are still part of their human families, and in many ways act as guardians of family welfare. It is largely in human relationships that people identify what is evil, try to prevent it, and deal with it through punishment, taboos, prohibitions, laws and human will power. The elders, both men and women and traditional rulers, are entrusted with administering justice in the community. Another way of combating evil is to foster what is good, such as friendship, respect (towards persons and nature), hospitality, harmony, peace, justice, mutual care or helpfulness and other values that are taught in families and communities.*

**KEY WORDS:** *Africa; Akamba; Barundi; Bavenda; Corporate personality; Curse; Evil; Gikuyu; God (African religions); Herero; Idowu; Ila; Magic; Moral evil; Natural evil; Nature of evil; Nuer; Origin of evil; Swazi; Witchcraft; Yoruba.*

---

\* Professor Emérito, Universidade de Berna (Berna, Suíça). — Tradução de Deolinda Miranda.

### A Origem e Natureza do Mal

**O**s povos africanos estão muito conscientes do mal no mundo, e de várias formas tentam combatê-lo. Existem várias visões relativamente à origem do mal. Muitas sociedades dizem categoricamente que Deus não criou o que é mau, nem Ele lhes faz qualquer mal, seja ele qual for. Por exemplo, os Ila consideram que Deus está sempre na razão, e não “pode ser culpado de nenhuma ofensa, não pode ser acusado, não pode ser questionado ... Ele faz bem a todos, sempre.” Relata-se que um dos sacerdotes Ashanti terá dito que Deus “criou a possibilidade do mal no mundo... Deus criou o conhecimento do bem e do mal em cada pessoa e permitiu-lhe escolher o seu caminho,” sem a proibir ou sobre ela forçar a Sua vontade. A partir de vários mitos vimos que quando Deus originalmente criou o homem, havia harmonia e relação familiar entre os dois; e os primeiros homens gozaram o que era bom.

Algumas sociedades vêem o mal como tendo origem em, ou associado com, seres espirituais que não Deus. Parte deste conceito é uma personificação do próprio mal. Por exemplo, os Vugusu dizem que existe uma divindade má que Deus criou boa, mas que posteriormente se voltou contra ele e começou a fazer o mal. Esta divindade má é assistida por espíritos maus, e todo o mal vem agora de todo esse grupo. Assim, existe um tipo de contenda entre as forças boas e más no mundo. Há outros povos que consideram a morte, epidemias, gafanhotos e outras grandes calamidades, como divindades em si próprias, ou como causadas por divindades.

Em quase todas as sociedades africanas pensa-se que os espíritos ou são a origem do mal, ou agentes do mal. Vimos que após quatro ou cinco gerações, os mortos-vivos perdem as ligações pessoais com as famílias humanas e tornam-se seres impessoais e estranhos. Quando se desligam do contacto humano, as pessoas sentem-nos ou temem-nos como “maus” ou “nocivos”. Muito disto é simplesmente o medo do que é estranho; mas acredita-se que alguns tomam indivíduos possessos e causam várias doenças como epilepsia ou loucura. Se os mortos-vivos não forem convenientemente enterrados, ou se tiverem um ressentimento, se forem negligenciados ou se as pessoas não lhes obedecerem quando eles dão instruções, pensa-se que eles se vingam ou punem os transgressores. Neste caso, são os homens que levam os mortos-vivos a agirem de modos “maus.”

Em todas as comunidades há pessoas suspeitas de agirem maliciosamente contra os seus parentes e vizinhos, através do uso de magia, bruxaria e feitiçaria. Como realçaremos brevemente mais adiante, este é o centro do mal, tal como as pessoas o sentem. O poder místico em si mesmo nem é bom nem mau: mas quando é usado maliciosamente por alguns indivíduos, é sentido como mau. Esta visão faz do mal um objecto independente e externo que, contudo, não pode actuar por si próprio mas tem que ser empregado por agentes humanos ou espirituais.

Tal como em todas as sociedades do mundo, a ordem social e a paz são reconhecidas pelos povos africanos como essenciais e sagradas. Onde o sentido de vida colectiva é tão profundo, é inevitável que a solidariedade da comunidade tenha que

ser mantida, senão há desintegração e destruição. Esta ordem é concebida primeiramente em termos de relação de parentesco, que simultaneamente produz muitas situações de animosidade visto que toda a gente é aparentada com todos os outros e intensifica o sentido do dano causado pela tensão de tais animosidades. Se uma pessoa rouba um carneiro, as relações pessoais estão imediatamente envolvidas porque o carneiro pertence a um membro do corpo colectivo, talvez a alguém que é pai, irmão, irmã, ou primo do ladrão. Como tal, é uma ofensa contra a comunidade, e as suas consequências afectam não só o ladrão mas também todo o conjunto dos seus parentes.

Existem, por consequência, muitas leis, costumes, formas estabelecidas de comportamento, normas, regras, costumes e tabus, que constituem o código moral e a ética de uma dada comunidade ou sociedade. Alguns destes são considerados sagrados e acredita-se que tenham sido instituídos por Deus ou líderes nacionais. Têm origem no Zamani, onde estão os antepassados. Isto dá um carácter sagrado aos costumes e normas da comunidade. Qualquer quebra deste código de comportamento é considerada perversa, errada ou má, porque é uma ofensa à, ou destruição da ordem social aceite e da paz. Tem que ser punida pela comunidade colectiva dos vivos e falecidos, e Deus pode também infligir castigo e fazer justiça.

Nas relações humanas há ênfase no conceito de hierarquia baseado em parte na idade e em parte na categoria. Na prática isto significa uma escada que vai de Deus até ao filho mais novo. Deus é o criador e, por inerência, o pai da humanidade, e detém a posição mais elevada, de modo que Ele é o ponto último de referência e apelo. Abaixo d'Ele estão as divindades e os espíritos, que são mais poderosos que o homem e alguns dos quais foram fundadores e antepassados de diferentes sociedades. A seguir vêm os mortos-vivos, sendo os mais importantes aqueles que foram seres humanos completos em virtude de terem passado pelos ritos de iniciação, terem casado e criado filhos. Entre os seres humanos a hierarquia inclui reis, governantes, sacerdotes, adivinhos, curandeiros, os mais velhos em cada casa, pais, irmãos e irmãs mais velhos, e finalmente os membros mais novos da comunidade. Considera-se que a autoridade aumenta desde a criança mais nova até ao Ser mais elevado. No que respeita ao indivíduo, a autoridade mais elevada é a comunidade de que ele é membro. Esta autoridade também tem graus, de modo que alguma dessa autoridade está nas mãos da família que vive na mesma casa, alguma está investida nas pessoas mais velhas de uma dada área, parte nas mãos do clã, e parte está em toda a nação que pode ou não estar investida em governantes centrais.

Segundo algumas sociedades, indivíduos ou o povo como um todo ou através do seu chefe ou rei, podem ofender a Deus. Por exemplo, os Barundi acreditam que Deus se zanga com uma pessoa que comete adultério. Os Bachwa acreditam que Deus castiga quem rouba, quem negligencia os pais idosos, quem comete um homicídio ou adultério. Os Bavenda dizem que se o seu chefe ofende a Deus, Ele pune todo o povo com gafanhotos, cheias e outras calamidades.

A maior parte dos povos africanos aceitam ou reconhecem Deus como o último guardião da lei e da ordem e dos códigos morais e éticos. Por consequência o que-

brar de tal ordem, quer por um indivíduo quer por um grupo, é, em última análise, uma ofensa feita pelo corpo colectivo da sociedade.

Por exemplo, antes dos Gikuyu oferecerem sacrifícios ou rezarem pela chuva, primeiro inquiram de um adivinho ou vidente porque é que Deus permitiu que uma seca tão longa caísse sobre eles. O animal a ser sacrificado tem que ser de uma cor e ser doado ou comprado a uma pessoa que seja honesta, de confiança e que não tenha cometido homicídio, roubo, violação ou que não tivesse tido alguma ligação com veneno (feitiçaria) ou envenenamento. Neste exemplo e nos anteriores, vemos que homicídio, roubo e coisas do género, são considerados ofensas contra Deus. A culpa de uma pessoa envolve toda a sua casa, incluindo os seus animais e bens. A conspiração do indivíduo é colectivamente a conspiração daqueles com ele relacionados, quer sejam seres humanos, animais ou bens materiais. Considerámos mitos relativos aos primeiros homens, e vimos como em alguns mitos a desobediência dos homens originais trouxe más consequências para eles e para os seus descendentes, visto que o castigo sobre eles executado (morte, retirada dos alimentos obtidos sem esforço, perda da imortalidade e coisas do género) era automaticamente herdado pelos seus descendentes.

Tomemos outro exemplo, o dos Nuer. Pensa-se que uma pessoa pode ofender a Deus ao orgulhar-se do seu gado ou filhos se eles são muitos. Isto faz com que Deus leve o gado ou os filhos. Por consequência, para os Nuer, "a pior ofensa é elogiar um bebé," e uma pessoa deve referir-se ao bebé como "esta coisa má." As pessoas acreditam que se uma pessoa faz mal, mais cedo ou mais tarde Deus puni-la-á, e o castigo afecta não só o indivíduo apenas, mas o grupo colectivo do qual ele é só uma parte. Elogiar um bebé pode fazer com que ele morra: quem ofende não é o bebé mas a pessoa que está orgulhosa perante Deus. Os Nuer, como muitos outros povos africanos, têm diferentes regras de comportamento. Ofensas com origem na quebra destas regras, quer deliberada quer acidentalmente, trazem infortúnio tanto aos que ofendem como também a outras pessoas que não são directamente responsáveis. Para elas, o mal não reside no acto em si mesmo, mas no facto de que Deus pune o acto. Ao cometer uma ofensa particular, uma pessoa põe-se a si própria e a outras pessoas na situação perigosa em que Deus a pune a ela e a outras pessoas. Dado que as consequências são más, logo o acto que as provoca tem que ser mau. As manifestações externas apenas indicam o mau ou perverso no interior, e o infortúnio externo pode contaminar outras pessoas que têm uma relação próxima com o transgressor. Tal é a lógica do assunto na visão dos Nuer e, aparentemente, de muitos outros povos africanos. Algo é mau porque é punido: não é punido porque é mau.

Há outras sociedades nas quais as pessoas não sentem que podem ofender a Deus. Por exemplo, os Ankore reconhecem Deus como a origem última da ordem, mas os indivíduos não O ofendem nem se sentem culpados em relação a Ele. Entre os Azande, Akan, Swazi, Banyarwanda e outros considera-se que Deus não tem influência sobre os valores morais das pessoas.

Considera-se que vários tipos de ofensas são ofensas contra os espíritos e os mortos-vivos. Mostrámos que os mortos-vivos, e em menor extensão os espíritos também, actuam como intermediários entre Deus e os homens, e que eles são os guardiães ou polícia da ética tribal, hábitos morais e costumes. Onde tais espíritos foram em tempos os fundadores ou antepassados da nação, acredita-se geralmente que eles proferiram muitas das leis e costumes do seu povo. Logo qualquer quebra destes costumes é uma ofensa não só para a sociedade humana mas também para os espíritos e os mortos-vivos. A ofensa é mais séria quando é contra os patriarcas, matriarcas, reis ou outros homens nobres. A não ser que sejam dados passos para o evitar, os transgressores e suas famílias têm que ser castigados. Mas é principalmente dentro dos círculos da família que os espíritos são susceptíveis de ser ofendidos. Por esse motivo, o derramar libação e ofertas de bocados de comida são feitos pela família para que os membros da família possam permanecer de boas relações com os parentes falecidos. Isto além de fortalecer a amizade e renovar o contacto entre os dois grupos. Quando os mortos-vivos fazem exigências ou dão instruções, estas são geralmente cumpridas imediata e obedientemente, a não ser que se tornem excessivas.

Realçámos a natureza colectiva das comunidades africanas que estão muito ligadas por uma teia de relações de parentesco e outras estruturas sociais. Dentro desta situação, quase todas as formas de mal que uma pessoa sofra, quer seja mal moral quer natural, acredita-se que seja causado por membros da sua comunidade. Similarmente, qualquer ofensa moral que a pessoa cometa é directamente ou indirectamente contra membros da sua sociedade. O princípio de hierarquia é muitíssimo útil aqui. Como norma, uma pessoa de posição, categoria ou idade inferior comete uma ofensa contra outra pessoa ou ser de posição ou idade superior. Pode-se também ofender uma pessoa da mesma categoria. Nunca ou raramente uma pessoa ou ser de categoria superior faz o que constitui uma ofensa contra uma pessoa de uma categoria inferior. O que é considerado mal ou ofensivo funciona de um nível inferior para um nível superior; e se uma feiticeira, por exemplo, enfeitiça uma criancinha, este acto põe-na a um nível inferior ao da criança. Esse é o entendimento filosófico relativamente ao que constitui mal no contexto das relações. Algo é considerado mau não por causa da sua natureza intrínseca, mas em virtude de quem o faz a quem e de que nível de categoria.

Segundo este princípio, Deus não comete e não pode cometer mal contra a Sua criação. Já mencionámos sociedades como os Akamba, Herero e outros que julgam firmemente que dado que Deus não lhes faz mal, não têm necessidade de Lhe oferecer sacrifícios. Quando as pessoas sentem que um infortúnio ou calamidade veio de Deus, interpretam isto não como uma ofensa, mas como castigo provocado pelas suas acções condenáveis. Assim também os espíritos no seu todo não cometem ofensas contra os homens; os mortos-vivos não cometem ofensas contra os homens, o rei ou governante não comete ofensas contra os seus súbditos, os mais velhos na aldeia não cometem ofensas contra os que são mais novos ou que estão abaixo dele, e os pais não cometem ofensas contra os seus filhos. Se os pais fazem alguma coisa que magoe os seus filhos e que constitua uma ofensa contra os filhos,

não são as crianças enquanto tais que sentem isso como ofensa: antes, é a comunidade, o clã, a nação ou os parentes falecidos que são o objecto real da ofensa, visto que são eles quem está numa categoria superior à dos pais. Consequentemente, não são as próprias crianças mas a comunidade ofendida ou o clã ou os mortos-vivos que castigam os pais.

Isto é o ideal. Há excepções a isto, como a quaisquer generalizações. Por exemplo, se o rei se afasta das leis e costumes estabelecidos pelos fundadores da nação, considerar-se-ia que ele cometeu ofensa contra os seus súbditos porque ele se afastou da ordem estabelecida. De facto, a ofensa é também contra os patriarcas e heróis da nação e, assim, é com efeito uma ofensa contra seres de uma categoria superior. Mas se ele se apoderar da vaca de alguém de entre os seus súbditos, isto pode não ser considerado como uma ofensa contra o dono da vaca: porquanto é o rei que se apodera da vaca, e ele tem o "direito" (ou a ganância!) de se apoderar dela.

Dentro desta sociedade colectiva fortemente ligada onde as relações pessoais são tão intensas e tão vastas, encontram-se talvez as áreas mais paradoxais da vida africana. Este tipo de vida colectivo torna cada membro da comunidade perigosamente desamparado perante outros membros. Este tipo de vida é paradoxalmente o centro do amor e do ódio, da amizade e da inimizade, da confiança e suspeita, da alegria e dor, da ternura generosa e ciúmes amargos. Ele é paradoxalmente o coração da segurança e insegurança, do construir e destruir o indivíduo e a comunidade. Todos conhecem todos os outros: uma pessoa não pode ser individualista, mas apenas colectiva. Toda a forma de dor física, infortúnio, pesar ou sofrimento; toda a doença e moléstia; toda a morte, quer de um homem, quer da criança pequena; toda a falha da colheita nos campos, da caça no deserto ou da pesca nas águas; todo o mau presságio ou sonho: a culpa destas e de todas as outras manifestações do mal que o homem sente é atribuída a alguém na sociedade colectiva. Explicações naturais podem, de facto, ser achadas, mas também têm que ser dadas explicações místicas. As pessoas criam bodes expiatórios para os seus sofrimentos. Quanto mais pequena a esfera do parentesco e os laços de família, tantos mais bodes expiatórios existem. Frustrações, distúrbios psíquicos, tensões emocionais, e outros estados internos da pessoa, são prontamente exteriorizados e encarnados, ou concretizados noutro ser humano ou em circunstâncias que culpam um agente externo. Aqui, por conseguinte, encontramos uma vasta gama de ocasiões para ofensas por um ou mais indivíduos contra outros na sua comunidade colectiva. O ambiente de intensa relação favorece fortemente o desenvolvimento da crença na magia, bruxaria, feitiçaria, e todos os medos, práticas e conceitos que acompanham esta crença. Nem por um momento nego que há forças espirituais fora do homem que parecem às vezes funcionar dentro da história humana e da sociedade humana. Mas a crença no poder místico é maior do que os modos pelos quais esse poder poderia realmente funcionar dentro da sociedade humana. As comunidades africanas nas aldeias são profundamente afectadas e permeadas pela atmosfera psicológica que cria poderes ou forças do mal tanto reais como imaginárias que dão origem a mais tensões, ciúmes, suspeitas, calúnias, acusações e bodes expiatórios. É um ciclo vicioso. Ilustremos isto passando do académico ao prático.

Dentro deste tipo de sociedade intensamente colectivo, há infinitas manifestações do mal. Estas incluem homicídios, assaltos, violação, adultério, mentiras, roubo, crueldade especialmente para com as mulheres, desavenças, palavras más, desrespeito pelas pessoas de categoria superior, acusações de bruxaria, magia e feitiçaria, desobediência dos filhos e coisas do mesmo género. Nesta atmosfera, tudo não é nem lúgubre nem resplandecente. É difícil descrever estas coisas: uma pessoa precisa de participar ou crescer na vida da aldeia, para ter uma ideia da profundidade do mal e das suas consequências sobre os indivíduos e a sociedade. Um visitante da aldeia será imediatamente surpreendido pela facilidade africana em exteriorizar os sentimentos espontâneos de alegria, amor, amizade, e generosidade. Mas isto tem que ser contrabalançado pelo facto de que os africanos são pessoas, e há muitas ocasiões em que os seus sentimentos de ódio, tensão, medo, ciúme, e suspeita também são prontamente exteriorizados. Isto faz deles precisamente tão brutais, destrutivos e rudes como quaisquer outros seres humanos no mundo. Por natureza, os africanos nem são anjos nem demónios; eles possuem e exercem as potencialidades tanto de anjos como de demónios. Eles podem ser tão amáveis como os alemães, mas podem ser tão assassinos como os alemães; os africanos podem ser tão generosos como os americanos, mas podem ser tão gananciosos como os americanos; podem ser tão amigos como os russos, mas podem ser tão cruéis como os russos; podem ser tão honestos como os ingleses, mas podem também ser igualmente tão hipócritas. Na sua natureza humana os africanos são alemães, suíços, chineses, indianos ou ingleses – são homens.

As questões rituais são outra área onde pode ser cometida ofensa. Todas as sociedades africanas têm regulamentos e procedimentos acerca de cerimónias e rituais. Quando é cometida ofensa aqui, é muitas vezes necessário fazer uma purificação ritual. Podemos citar um exemplo dos Gikuyu, que executam o ritual de “vomitar o pecado,” para limpar uma pessoa do mal ritual. Para esta finalidade é morta uma cabra e o conteúdo do seu estômago é retirado. Uma pessoa mais idosa preside em ocasiões menores, mas é necessário um curandeiro para ofensas maiores. O conteúdo do estômago é primeiro misturado com substâncias mágicas com poderes curativos. Então a pessoa idosa que está a officiar pega num pincel com o qual limpa alguma da mistura na língua do transgressor, enumerando as ofensas cometidas. De cada vez o transgressor cospe a mistura para o chão. Depois as paredes da sua casa são pinceladas com a mesma mistura. Se a casa não for purificada assim, tem que ser demolida. Este rito está cheio de simbolismo, o qual não é difícil de ver.

### **Reparação e castigo**

A maioria dos povos africanos acredita que Deus castiga nesta vida. Assim, Ele está preocupado com a vida moral da humanidade, e por consequência mantém a lei moral. Com poucas excepções, não há crença em que uma pessoa seja castigada na outra vida por aquilo que faz de mal nesta vida. Quando o castigo vem, vem na vida presente. Por essa razão, os infortúnios podem ser interpretados como indicando que o sofredor quebrou alguma conduta moral ou ritual contra Deus, os espí-

ritos, as pessoas mais velhas ou outros membros da sua sociedade. Isto não contradiz a crença de que os infortúnios são obra de alguns membros, especialmente os que trabalham com magia, bruxaria e feitiçaria, contra o seu próximo. Esta lógica de aldeia é muito normal no pensamento africano. Eu não a compreendo, mas aceito-a. Os Banyarwanda e Barundie exprimem os actos punitivos de Deus num provérbio que diz: "Deus exerce vingança em silêncio." Os Nuer ligam a enfermidade com a falta que está por detrás dela e por esse motivo oferecem sacrifícios para impedir as consequências punitivas. "Num dos casos a ênfase é posta nas acções a partir das quais se olha para o futuro, para a enfermidade que, quando vem, é identificada com elas. No outro caso a ênfase é posta sobre a doença e olha-se para trás a partir dela para as faltas que possam tê-la originado, mesmo que não se faça nenhuma tentativa para descobrir o que elas foram. O mesmo poderia dizer-se acerca de muitos outros povos africanos.

Cada comunidade ou sociedade tem a sua forma estabelecida de reparação e castigo para várias ofensas, tanto legais como morais. Estas vão da morte por ofensas como praticar bruxaria e feitiçaria, cometer homicídio e adultério até pagar multas de gado, carneiros ou dinheiro para casos menores como ferimento acidental do companheiro ou quando os carneiros fogem e comem a rama da batata num campo do vizinho. São geralmente os mais velhos da zona que tratam das disputas e infracções resultantes de vários tipos de mal moral ou ofensas contra o costume e o ritual. Os chefes e governantes tradicionais, onde existem, têm o dever de manter a lei e a ordem, e executar a justiça nas suas áreas. Hoje em dia há tribunais governamentais, alguns dos quais utilizam os serviços dos mais velhos, e incorporam alguma coisa da lei consuetudinária tradicional.

Há uma forma de justiça administrada através do uso da maldição. O princípio básico aqui é que se uma pessoa é culpada, o mal acontecer-lhe-á segundo as palavras usadas para a amaldiçoar. Através do uso de boa magia, acredita-se, uma pessoa pode amaldiçoar um ladrão ou outro transgressor desconhecido. Mas a maioria das maldições são dentro dos círculos familiares. O princípio operativo é que só uma pessoa de categoria superior pode efectivamente amaldiçoar uma de categoria inferior, mas não vice-versa. As maldições mais temidas são as pronunciadas pelos pais, tios, tias ou outros parentes chegados contra os que são "mais novos" que eles na família. A pior de todas é a maldição proferida no leito de morte, porque uma vez que o pronunciador da maldição tenha morrido, é praticamente impossível revogá-la. Se a pessoa culpada se arrepende e pede que a maldição seja tirada, a pessoa que a pronunciou pode revogá-la automaticamente ou ritualmente se a maldição for muito séria. Há muitas histórias nas aldeias africanas que contam acerca do cumprimento das maldições onde a pessoa é culpada. Se uma pessoa não é culpada então a maldição não funciona. As maldições formais são muito temidas nas sociedades africanas, e este medo, tal como o medo da feitiçaria, ajuda a restringir as más relações especialmente nos círculos familiares.

Juramentos formais são usados como um outro método de estabelecer e manter boas relações humanas. Há juramentos que ligam as pessoas misticamente, sendo o

mais conhecido aquele que cria aquilo que é duma maneira muito vaga referido como "fraternidade de sangue" ou "irmandade de sangue". Por meio deste juramento, duas pessoas que não tenham relações de parentesco imediatas, passam por um ritual que muitas vezes envolve trocar pequenas quantidades do seu sangue bebendo-o ou esfregando-o no corpo uma da outra. Depois disso consideram-se uma à outra como verdadeiros irmãos ou irmãs de sangue, e comportar-se-ão naquela qualidade um em relação ao outro para o resto das suas vidas. As suas famílias também estão envolvidas neste contrato "fraternal," de modo que por exemplo, os seus filhos não devem casar entre si. Este juramento coloca grandes obrigações morais e místicas nas partes envolvidas; e qualquer quebra do pacto é receada e teme-se que cause infortúnios. Há juramentos que são prestados quando as pessoas aderem às chamadas "sociedades secretas," quando são iniciadas nos ritos de passagem ou em profissões como a advinhação. Outros juramentos são prestados quando é divulgada informação secreta, para guardar algum conhecimento ou outros segredos. Juramentos também podem ser prestados pelos filhos antes da morte dos pais se estes últimos desejarem muito que os seus filhos cumpram certas instruções ou executem pedidos importantes. Os juramentos variam em seriedade: alguns causarão a morte se forem quebrados, outros causam dor física temporária ou infortúnio de um tipo ou outro. A crença por detrás dos juramentos é que Deus, ou algum poder mais elevado que o indivíduo, punirá a pessoa que quebra as exigências do juramento ou pacto. Tal como as maldições, os juramentos são temidos e muitos são administrados ritualmente e com grande custo.

### Resumo e conclusão

As noções africanas de moralidade, ética e justiça não foram integralmente estudadas, e muitos livros ou não as mencionam ou fazem-no só de passagem. Idowu é aqui uma das poucas excepções, e dedica um capítulo inteiro à questão de Deus e valores morais entre os Yoruba. Ele argumenta que para os Yoruba, os valores morais derivam da natureza do próprio Deus, a Quem eles consideram ser "Rei Puro," "Rei Perfeito," "Alguém vestido de branco, Que vive lá em cima" e é o "Objecto essencialmente branco, Material branco sem padrão (inteiramente branco)." O carácter (Iwa) é a essência da ética Yoruba e dele depende mesmo a vida de uma pessoa. Por isso as pessoas dizem: "O carácter afável é o que permite à corda da vida permanecer intacta nas mãos de alguém;" e de novo: "é o bom carácter que é a protecção do homem." O bom carácter mostra-se nos seguintes modos: castidade antes do casamento e fidelidade no casamento; hospitalidade; generosidade, o oposto do egoísmo; amabilidade; justiça; verdade e rectidão como virtudes essenciais; evitar roubar; manter um pacto e evitar a falsidade; proteger os pobres e os fracos, especialmente as mulheres; honrar e respeitar as pessoas mais velhas; e evitar a hipocrisia. Isto pode ser aplicado, com acrescentos, à lista do que constitui o bom carácter, a muitas sociedades africanas. Isto diz respeito ao conceito tradicional de "bom" e de "mau" ou perverso, isto é, às morais e à ética de uma qualquer sociedade.

Podemos aqui fazer uma distinção entre “mal moral” e “mal natural.” Mal moral diz respeito ao que o homem faz contra o seu próximo. Há costumes, leis, normas e tabus que governam o comportamento em sociedade. Qualquer quebra do comportamento correcto significa um mal moral. Encontramos exemplos infundáveis disso nas sociedades africanas. É o oposto de cultivar ou manifestar as virtudes do bom carácter. De facto, podemos dizer que o bom carácter é “bom” por causa do comportamento que ele representa. O que se situa por detrás da concepção de um “bem” ou “mal” moral, é em ultima análise a natureza da relação entre os indivíduos numa dada comunidade ou sociedade. Quase não existe “pecado secreto:” algo ou alguém é “mau” ou “bom” segundo a conduta externa. Uma pessoa não é inerentemente “boa” ou “má”, mas age de modos que são “bons” quando eles se adaptam aos costumes e normas da sua comunidade, ou maus quando não o fazem. Dormir com a mulher doutro não é considerado “mau” se estes dois não forem descobertos pela sociedade que o proíbe; e noutras sociedades é de facto uma expressão de amizade e hospitalidade deixar um convidado passar a noite com a mulher, ou a filha, ou a irmã de alguém. Não é o acto em si que seria “errado” enquanto tal, mas as relações envolvidas no acto: se as relações não são feridas ou prejudicadas, e se não se descobre a transgressão do costume ou regra, então o acto não é “perverso” ou “malévolo” ou “mau.”

Aqueles que praticam feitiçaria, magia má e bruxaria são a verdadeira encarnação do mal moral. Eles estão, pela sua própria natureza, determinados a destruir relações, a minar a integridade moral da sociedade, e a agir contrariamente ao que o costume exige. Por consequência, tais pessoas são também instrumentos do mal natural – pelo menos as pessoas associam-nas com o mal natural, de modo que quando ocorrem acidentes, doenças, infortúnios, e coisas do género, as pessoas imediatamente procuram os agentes do mal, os feiticeiros, as bruxas, e os vizinhos ou parentes que tenham usado magia má contra elas.

Mesmo que, como realçámos, Deus seja considerado o último defensor da ordem moral, as pessoas não consideram que Ele esteja imediatamente envolvido em a defender. Em vez disso, são os patriarcas, as matriarcas, os mortos-vivos, os mais velhos, os sacerdotes, ou mesmo as divindades e os espíritos que são os guardiães quotidianos ou a polícia da moralidade humana. Normas sociais de natureza moral são orientadas para o contacto imediato entre os indivíduos, entre o homem e os mortos-vivos e os espíritos. Por isso, estas regras estão ao nível homem-para-homem, em vez de no plano da moralidade Deus-para-homem. Poder-se-ia fazer uma longa lista de normas: não mates outro homem (excepto na guerra), não roubes, não mostres desrespeito a pessoas de categoria superior, não tenhas relações sexuais com uma ampla variedade de pessoas, tais como a mulher doutro homem, a tua irmã ou outro familiar próximo ou os filhos, não uses palavras más especialmente com alguém de categoria superior, não fales mal de ninguém nas suas costas, não digas mentiras, não desprezes nem te rias de um aleijado, não tires a ninguém o seu pedaço de terra, guarda os muitos tabus e normas referentes a partes do corpo, o comportamento adequado segundo as relações de parentesco, e actividades tais como caça, pesca e comer; observa o procedimento correcto em questões rituais,

etc. Em linguagem positiva, a lista também é longa, incluindo tópicos como: sê amável, ajuda aqueles que te gritam por socorro, mostra hospitalidade, sê fiel no casamento, respeita os mais velhos, defende a justiça, porta-te de modo humilde com aqueles que são mais velhos que tu, saúda as pessoas, especialmente aquelas que conheces, cumpre a tua palavra dada sob juramento, recompensa quando ferires alguém ou danificares os seus bens, segue os costumes e tradições da tua sociedade.

A lista do que deve ou não deve ser feito é tão longa e detalhada que uma pessoa é constantemente confrontada com exigências morais ao longo de toda a sua vida. Isto é muito sério no ambiente onde o indivíduo está consciente de si em termos de: "Eu sou porque nós somos, e porque nós somos, logo eu existo." E, como vimos, nas comunidades africanas onde o parentesco torna uma pessoa intensamente "desamparada", estas exigências morais são desagradavelmente escrutinadas por todos de modo que uma pessoa que seja incapaz de viver de acordo com eles não escapa à atenção. Por consequência, a essência da moralidade africana é que ela é mais "societária" que "espiritual": é uma moralidade de "conduta" em vez de uma moralidade de "ser." Isto é o que se poderia chamar "ética dinâmica" em vez de "ética estática," porque ela define o que uma pessoa faz em vez do que ela é. Reciprocamente, uma pessoa é o que é por causa do que faz, em vez de uma pessoa faz o que faz por causa do que é. A amabilidade não é uma virtude, a não ser que alguém seja amável; o homicídio não é mal até que alguém mate outra pessoa na sua comunidade. O homem não é por natureza nem "bom" nem "mau" ("perverso") excepto em termos do que faz ou não faz. Isto, parece-me, é uma distinção a fazer ao discutir os conceitos africanos de moralidade e ética. Deveria também ajudar-nos a compreender alguma coisa sobre a crença na feitiçaria, magia e bruxaria.

Este ponto está ligado com a segunda forma de mal, que distinguimos como "mal natural". Com isto quero referir-me àquelas experiências na vida humana que envolvem sofrimento, infortúnios, doenças, calamidade, acidentes e várias formas de dor física. Em todas as sociedades africanas estas são bem conhecidas. A maioria delas é explicável através de causas "naturais." Mas, como vimos, para os povos africanos nada doloroso acontece por "acaso" ou "sorte": tudo tem que ser causado por um agente (humano ou espiritual). Se a nossa análise no parágrafo anterior for válida, podemos ver também que a lógica ou filosofia por detrás do "mal moral" não permitiria que o "mal natural" sucedesse puramente por meio de "causas naturais." As pessoas têm que descobrir o agente que "causa" tal mal. Nalgumas sociedades pensa-se que uma pessoa sofre porque ela transgrediu alguma norma, e Deus ou os espíritos, por consequência, punem o transgressor. Nesse caso, a pessoa em causa é realmente a causa do seu próprio sofrimento: ela primeiro exterioriza a causa, e em seguida inverte-a. Mas na maioria dos casos, acredita-se que diferentes formas de sofrimento são causadas por agentes humanos que são quase exclusivamente feiticeiros, bruxos e os que trabalham com magia má. Vimos que estes são a encarnação do mal encarado socialmente. Eles são também "responsáveis" por "causar" o que seria "mal natural", ao usar encantamentos, poder

místico, substâncias mágicas com poderes curativos, ao usar o seu “mau olhado,” ao desejar mal contra o seu próximo, ao odiar ou sentir ciúmes, e por meio de outros métodos “secretos.” A lógica aqui é que o “mal natural” está presente porque existem estes agentes imorais; e estes são maus porque fazem acções más. Novamente confesso que não compreendo esta lógica, mas aceito-a como válida para o nosso entendimento das religiões e filosofia africanas. Dizer, nas sociedades africanas, que uma pessoa é “boa” ou “má” tem conotações extremamente profundas, porquanto isso resume toda a imagem ou retrato da pessoa no contexto das suas acções. Uma pessoa não “ama” num vácuo: são as acções que significam que há amor por detrás delas; uma pessoa não “odeia” num vácuo, são as acções que significam o que está por detrás delas. Em tais experiências, o mundo da natureza não está divorciado desse homem. Na experiência do mal, os povos africanos vêem certos indivíduos como estando envolvidos intrincadamente, mas malevolamente, na, fora isso, serena marcha do universo natural. Desta forma se pode ver até que ponto a ontologia africana é profundamente antropocêntrica.